

**REDACTOR PRINCIPAL**  
**Alexandre Viçosa**  
**EDITOR**  
**Joaquim Cardozo**  
 Propriedade da União Operária Nacional  
 Officina de impressão — R. de Almeida, 104  
 (Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)  
 Redacção e administração — Calçada do Cambre, 34-A, 2.º  
 End. telegr. — Lisboa — Telefone: 7

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — FORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A Central dos Sindicatos

### Sua constituição

Expostos os fins da Central dos Sindicatos Portugueses, que o mesmo é dizer a União Operária Nacional, algo diremos hoje sobre a sua constituição, ainda no propósito de elucidar certas pessoas que não pertencendo à classe operária, natural é que não conheçam como funciona um organismo a que não estão ligadas directa nem indirectamente, pela simples razão de viverem num meio completamente oposto, como é o meio burguês, onde instituições bem diferentes existem, sobretudo em relação ao objectivo que tem em vista, que é diametralmente contrário ao nosso, posto que aquele tende a conservar a actual estrutura económica da sociedade, enquanto o nosso visa a transformá-la.

Porém, de entre as pessoas daquela categoria, algumas se destacam que, dando-se ares de tudo sabermos — figurando neste número individualidades que ocupam, já ocuparam ou pretendem vir a ocupar altas situações na política portuguesa — discurram, por vezes, sobre a U. O. N., produzindo acerca desta juízos que só revelam a sua profunda ignorância, quando é certo que, se quizessem dar-se ao trabalho de estudar e de investigar, como faz toda a pessoa que tem a preocupação de exprimir-se com segurança, reconheceriam que as funções da Central dos Sindicatos são bem diferentes daquelas que geralmente se lhe atribuem.

Tem a U. O. N. o seu estatuto, que os legítimos representantes das associações operárias do país votaram no Congresso Nacional Operário, realizado em Tomar em 1914, estatuto que foi ratificado pela Conferência Operária Nacional, efectuada em 1917. Não foi ainda esse estatuto aprovado pelos governos que, teimando em remar contra a maré, sistematicamente se tem negado a reconhecer oficialmente a Central dos Sindicatos, mas isso não tem obstado a que ela exerça a acção que lhe foi domarcada por quem de direito, sendo o seu estatuto tam rigorosamente observado pelos sindicatos operários como se houvesse sido sancionado por um rei ou por um presidente, e a provar que a U. O. N. é alguma coisa que se afirma nesta sociedade está o facto de terem sido governos sobre governos e ela ter permanecido de pé, ainda que esforços leoninos tenham sido feitos pelos adversários da classe operária no intuito de a fazerem desaparecer.

Não havendo à data do Congresso de Tomar organismos federativos em número suficiente para que pudéssemos constituir-se a Confederação — a federação das federações — foi, tomando em con-

## Operários metalúrgicos

### A sua reunião de amanhã

Desde o princípio do ano que uma numerosa comissão de camaradas das classes metalúrgicas vem trabalhando incessantemente para conseguir a fusão das actuais associações da sua indústria em um único Sindicato que, abrangendo numa acção defensiva os interesses gerais da corporação, melhor do que por Sindicatos de profissões, na sua quasi totalidade de estrutura deficiente, realisar a unidade desejada.

Aquella comissão tem conseguido, á custa de uma tenacidade e constancia admiráveis, um bom acolhimento á sua iniciativa, que vai ter o necessário complemento com uma sessão magna que se efectua amanhã, pelas 13 horas no Coliseu da rua da Palma, amavelmente cedido pelos seus proprietários.

Convidando os trabalhadores a assistir áquella importante assembleia onde será presente, discutido e votado o estatuto do Sindicato Unico das Classes Metalúrgicas de Lisboa, foi profusamente distribuido um manifesto editado pelas direcções dos actuais Sindicatos, que terminou assim:

«São convidados os corpos gerentes

consideração essa circunstancia, que se constituiu a União Operária Nacional, instituição com carácter provisório, a qual agrupa no seu seio os sindicatos profissionais e de industria, compostos de indivíduos salarizados, as federações de industria e as uniões locais de sindicatos.

«Como ingressam os sindicatos operários na Central dos Sindicatos?

Muito simplesmente. Os organismos que desejam pertencer á U. O. N. fazem a devida participação á Comissão Administrativa, em officio assinado e autenticado com o respectivo carimbo, devendo informar no mesmo officio que aceitam o estatuto da Central e enviar simultaneamente a nota da respectiva população associativa, não só para fins de estatística, mas também para lhes ser lançada a respectiva contribuição, que é proporcional ao número de filiações que comportam.

Cada agremiação aderente satisfaz a cotisação que lhe compete, conforme o estatuto, e tem direito a requisitar todos os esclarecimentos relativos aos interesses da corporação e reclamar-lhe auxilio moral ou monetário, sempre que desse auxilio careça para salvaguarda da sua situação.

O organismo aderente que se recuse a prestar o seu concurso á execução de quaisquer trabalhos que a U. O. N. promova em benefício dos seus fins ou que esteja em atraso de mais do que tres meses de cotisação, é suspenso se deixar sem resposta o convite para explicações ou o aviso para pagamento que lhe forem dirigidos.

Um dos artigos do estatuto da U. O. N. estabelece que esta não pertence a nenhuma escola politica ou doutrina religiosa, não podendo, consequentemente, tomar parte, colectivamente, em eleições, manifestações partidárias ou religiosas, critério este que, como é obvio, obedece ao facto da Central dos Sindicatos não ser um agregado de indivíduos ligados pelas mesmas ideias, mas por interesses comuns a todos quantos trabalham e sofrem por igual as injusticias da classe capitalista.

O artigo 7.º — o último do capitulo II — estabelece que cada organismo aderente conserva integralmente a sua autonomia no que respeita ao seu funcionamento especial.

Esta disposição, como muitas outras que o estatuto da U. O. N. contém, e que examinaremos em futuros artigos, revela o respeito que a Central dos Sindicatos vota aos organismos que a constituem, sobre os quais não exerce nem deseja exercer uma acção contrária ás normas defendidas pelo socialismo, da autonomia do individuo no sindicato, deste na federação e desta na Central dos Sindicatos.

## O proletariado do balcão

### val lutar pelo descanso dominical e regulamentação do horário de trabalho

PORTO, 2.º — A junta executiva, zona norte, da Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio reuniu extraordinariamente, e, entre outros assuntos, tratou da maneira como se ha de levar a effecto, junto do governo e do parlamento, a acção para o cumprimento das reclamações aprovadas no Congresso de Setúbal, que são o descanso dominical, com encerramento em todo o país, modificação do regulamento do horário de trabalho, etc.

Para este effecto, parte na próxima sexta feira para Lisboa o presidente da junta norte, sr. Salvador Braga, que, com a sua sãgueneza do sul, vai ultimar trabalho sobre a forma de, numa acção uniforme, fazer agir a classe do país inteiro.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Messer Gastor

Uma das classes que, nestas aguas turbadas pela guerra, fartos lucros tem pescado, mesmo á supacia, é a dos nossos estimáveis proprietários de casas de pasto. Trabalha a gente no centro da cidade, e como quer que a carestia das rendas nos tenha feito transferir a moradia para lugares suburbanos ou afastados, tempo não há para chegar a penates durante a curta hora do jantar. Vai-se portanto á tasca, como entre nós, os bolsos-levés, se diz se — Venha lá minha desfeita, ó mestre! — E eis nos prantam sob a vista um praticulo quasi invisível, em cujo fundo, procurando a custo, se toparam alguns resíduos de substancias comestiveis. Uma esperança de bacalhau amenizada por uma hipotese de grão. A's vezes, bacalhau num hay — declara o inculto galego. Surge então um guizado das profundezas da labirintica e obscura cosinha. O guizado consiste na liquefacção, por meio do fogo, de todos os corpos sebáceos conhecidos. A' tona voga a expressão mais simples dum tectáculo de choco a que elles chamam lula. O todo não tem de forma alguma o aspecto de comida — antes pelo contrario. E assim se vai governando a classe insigne dos tasqueiros, na sua maioria, se não totalidade, oriundos das regiões galegas. Uma marmota de três polegadas, entrada no laboratório alquimista que é a cosinha meandrica das tabernas frequentes, fica lá continente transformada em seis famosas postas de pescada. Cada uma rende um cruzado. Uma fábrica de moeda em ponto pequeno. E é nesta conformidade que quando a gente, após bebido o caldo, que é gratuito, para adoçar a boca, pede as contas, vê que nelas se nos vão os miserios cobres ganhos no meio dia da manhã. Os miserios cobres, que é como quem diz os miserios papelinhos chamados cédulas. Não se ganhou nada em meio dia de trabalho senão o preço duma pseudo-refeição. Troubrou-se pro major, ou, concretizando, para o tasqueiro, para o patrão, para o Estado. Olhem vosselências que esta corja dos sindicalistas só enforcando os a todos...

### Os quatro naipes

Reunem-se em Paris, em sessões sacretas, os quatro magnos homens das principais nações aliadas: Wilson, Lloyd George, Clemenceau e Orlando. E reúnem-se para tratar dos destinos dos povos, em sessões secretas. E a lingua inglesa a usada pelos altos senhores em seu commercio. Falam-na Wilson e Lloyd George porque ha ensinaram em pequenos; e fala-a também Clemenceau; dizem que muito bem, porque a aprendeu depois de grande. O demónio é que Orlando, o da Italia, de inglês não percebe patavina. Mister foi pois meter no segredo um intérprete para ir explicando a Orlando, furioso, as parlendas británicas dos colegas. Por meio d'elle se vão entendendo muito bem os altos senhores. Entendem-se as mil maravilhas parece que na elaboração de uma nova albarda a encaixar no lombo de seus súbditos. O trabalho deve consistir nisso. Os ingleses e os franceses lá terão vocabulo para designar a função. Não sabemos qual seja esse vocabulo, mas conhecemos as equivalências portuguezas. Uma delas é «cataplasm» — mas pode ser que não grude.

### Sobre o trabalho

A conferencia da paz, ainda reunida, pulverizou-se numa infinidade de sub-comissões. Uma dessas sub-comissões anda a tratar da legislação do trabalho. E parece que assentou em introduzir no tratado da paz varias clausulas concernentes á situação post-bellum dos trabalhadores. Por exemplo: jornada de oito horas, assistência na invalidade, fixação dum minimo de salario que permita a vida decente dos operários, etc., etc. Concordaram todos na justica das clausulas citadas e de muitas outras que se omitem — com excepção do amarello representante do Japão, que discordou. Este representante do Japão por certo deve ser uma marcanete individualidade no meio dos amarelos do seu país. Um illustre e refinado filho do Sol, como a si próprios se classificam os minúsculos nipónicos. Filhos do Sol. Pois, se pensam como o seu delegado em Paris, mais parecem habitantes da Lua.

## A REVOLUÇÃO SOCIAL NA HUNGRIA

### A nova constituição

BASILEIA, 1.º — A nova constituição húngara inspira-se no modelo da Rússia. Formar-se-ão hão Conselhos de Cidades e Conselhos de Aldeias, de cuja fusão sairão os Conselhos de Distritos. Os delegados destes últimos comporão a Assembléa Geral dos Conselhos, que constituirá o corpo legislativo. Todos os homens e mulheres de 18 anos de idade, que vivam do trabalho útil, serão electores e elegiveis. Os que não trabalharem serão excluidos dos negócios públicos.

### Os aliados desembarcam em Constança

PARIS, 1.º — Comunicam de Bucarest que as tropas da Entente desembarcaram em Constança, na Roménia, de onde marcharão para a Hungria.

### COMO DANTES...

## Os "trauliteiros" em Lisboa

A forma revoltante como foram tratados os presos que, ultimamente, tentaram evadir-se do Limoeiro

Noticiou a imprensa há dias a tentativa de evasão do Limoeiro de alguns presos de delicto comum.

Acêrca do caso tombaram sobre a nossa mesa do trabalho duas cartas que nos são enviadas por indivíduos detidos naquele estabelecimento penal. Contam-nos o procedimento revoltante que se seguiu para com esses presos, e em que a autoridade se portou de uma forma verdadeiramente selvática.

Não nos parece bem que sobre presos se exerçam violências. Ainda não se apagou de todo a impressão de revolta que sentiu a opinião pública, a massa popular, perante as crueldades inquisitoriais dos trauliteiros do reino do norte. E, pois, doloroso vermos-nos na necessidade de relatar successos identicos desenrolados durante uma situação politica diametralmente oposta e que tão vivamente anatematizou os excessos do triste parodiamento do terror branco, levado a cabo pelos monarchistas indigenas.

Os presos que tentaram evadir-se são quatro: Edouard Perier, de nacionalidade franceza, Dimas Gil, Manuel Vaz dos Santos e António da Cruz Simões. Encontravam-se na enfermaria, sendo frustrado o seu plano de evasão no procurarem sair pela janela. Imediatamente entrou nesta o official comandante da força que se encontrava no Limoeiro, acompanhado de algumas praças armadas e guardas da cadeia.

Espancaram-nos barbaramente, ficando Edouard Perier e Dimas Gil estendidos no chão, banhados em sangue, tendo o segundo procurado fugir ás pancadas metendo-se debaixo da cama, o que não lhe valeu, pois dois soldados vibraram-lhe algumas baionetadas. Outros presos também foram agredidos á baioneta. Assim que o official entrou na enfermaria desfecho logo a pistola, não tendo morto ninguém por um acaso providencial, dando uma cutida em António Simões, sobre quem saíram depois os guardas, que acabaram de o espancar. Chegou á crueldade a tal ponto que os presos ajoelharam, supplicando-lhes misericórdia, tendo-lhes valido o chefe dos guardas, sr. António Augusto, que os conseguiram furar a tais violências, mandando-os recolher ao segredo. Edouard Perier e Dimas Gil ficaram em tal estado que nem se podem mover, vindo-se obrigados os empregados do Limoeiro a rasgar a roupa ao segundo, a fim do ha poderem tirar, por estar completamente embebida em sangue.

Facto destes não se podem admitir num país que se diz civilizado. Os castigos corporaes estão abolidos da legislação criminal portugueza, não se devendo permitir uma transgressão tão grave. Se a tentativa de evasão constitua delicto, só ao director do Limoeiro competia decidir do castigo a aplicar. E' necessário que se compreenda de vez a necessidade de terminar com todos estes excessos, com todas estas violências. Não se deu o caso com presos politicos mas sim com presos comuns. Mas nem por isso o facto é menor condemnável, nem digno da nossa verberação.

Os trauliteiros portuguezes foram baidos, foram esmagados. E' necessário esmagar e bater também os trauliteiros por aí existentes, exterminando-os de vez, a despeito dos rótulos politicos que tenham, acabando com uma vergonha destas que não honra as autoridades.

## A GUERRA VERMELHA

### Comunicado do Governo dos Sovietes Russos

LONDRES, 1.º — Comunicado do governo russo sobre as operações militares em 30 de Março:

Frete meridional — Na região de Donetsk, ao sudoeste de Lngansk, occupamos, depois de uma batalha desesperada, um depósito de antracite e varias povoações a 15 verstas ao sul de Káparovo.

Frete oriental — Na região de Urtinski rechacamos os ataques inimigos. Próximo de Kanáinelska o inimigo tentou em vão varios ataques, mas foi repellido em Sitkulova, a 15 verstas a sudoeste de Venkhenralsk. Na direcção do caminho de ferro de Ofa e de Belchei, avançamos 10 verstas, desde Riassov. Na região de Menzelinsk durante a noite de 26 a 27 apoderamo-nos de Menzelinsk e Polsoch, no caminho de Birak, a 85 verstas de Menzelinsk. A 10 verstas ao sul de Bikkardin fracassaram os ataques inimigos. Na região de Narva, a 15 verstas ao sul do Narva, continua a luta. Na região de Patchera, ao sul do caminho de ferro, iniciamos a ofensiva na região de Marienburgo, onde continua a luta. Ao norte de Vilkomia repellidos todos os ataques inimigos. Em Novogrudok prosegue a luta. A oeste de Baranovich continua com êxito o nosso avanço.

Amanhã publicar-se-há a última entrevista com o publicista-economista sr. Ezequiel de Campos.

### Uma consulta de A BATALHA

## Como se melhorariam as condições de vida

O sr. Ezequiel de Campos disserta sobre o problema da remodelação urbana para maior economia e beleza da vida

Recorrendo mais uma vez á lista de medidas que o sr. Ezequiel de Campos nos indicara na primeira entrevista, vimos que era a occasião de consultá-lo sobre o problema de remodelação urbana para maior economia e beleza da vida.

Em paralelo com o remodamento da vida nos campos, urge remodelar as nossas cidades, vilas e aldeias, dando-lhes o fôrto e beleza

— Em paralelo, mas de modo nenhum antes de pôr a terra e a industria em condições de trabalho com bom rendimento, proveitoso á Grei, é necessário remodelar as vilas e cidades e aldeias de Portugal, que são uma vergonha, exceptuando as condições naturais, em que nós não temos mérito. Olhão dos maritimos, Covilhã dos lanifícios, Coimbra terra de encantos, Porto aldea grande de miséria, sujidade e tuberculos, Lisboa dos gatos e das alfurjas... todas as vilas e cidades, nem tem as ruas como devem, nem centros civicos e de recreio, nem ar e luz bastantes, nem energia, nem ergoto, nem sossego, nem beleza social: são anuladoras de vida... E o que vai por esse mundo fora na reforma dos centros de população? A engenharia e a arte civica, impulsionadas há poucos anos, invadem vitoriosas as aglomerações humanas.

Por isso, não basta reclamar bairros operários, particulares medidas de hygiene, distribuição de energia por tal ou tal organização, etc.: é necessário convencer a governação do Estado e dos municípios a que tenham mais grandeza de vista, a que façam (melhodicamente e depressa) as obras de remodelação urbana em beneficio colectivo, equilibrado.

Tem sido da peça os politicos da rem de vez em quando um bodo aos pobres com a autorização e dotação de edificios que, salvos sejam, só servem em regra para desfeiar as cidades e vilas, desorganizando-as mais, e pondo nelas alcores de parasitas. Num país como o nosso que abriga uma nação de pedintes, preguiçosos e desirmannados, a despesa em edificios daquela natureza é, socialmente, um crime. Urge primeiramente pôr em marcha a outra

actividade construtiva: a fazer agrades e canais, a arejar as leivas, a criar os gados, a cultivar as coaras e os pomares, a arborizar os montes e as dunas, a domar torrentes para a electricidade, a estirar ferros e açoes, a martelar e ajustar peças de máquinas, a embargar cavernas de navios, a instalar frigorificos e guindastes nos portos e mercados, a estirar e electrificar caminhos de ferro... e a gente moça na escola com officina, campos, hortas, matas e ao mesmo tempo pelas officinas e pela abençoada terra — a produzir. Mas posta a nação a amar o trabalho, que é a nobreza do homem, urge logo tratar da casa de todos, que são as cidades e vilas e aldeias.

A remodelação urbana precisa de ser feita com carácter de Portugal

«Para todo e qualquer aglomerado de população a primeira necessidade é um plano de remodelação, que tenha em vista o futuro desenvolvimento d'elle. Este assunto constitui um ramo especial da engenharia moderna, com larga bibliographia, que vai em continuo progresso. As condições portuguezas, variáveis conforme o clima e o aspecto economico de cada região, exigem tratamento dos problemas urbanos para os portuguezes e em Portugal; mas muito boas lições sem cópias lastimáveis, podemos colher da estranha. E' estudar e ir ver o que se fez pela Alemanha, e o que se fez pela Inglaterra e pelos E. U. da America do Norte; estudar o nosso país na sua economia possível e provável, para as soluções urbanas mais convenientes e mais harmonicas conosco. E aqui estamos com a urgentissima necessidade de termos muita energia electrica muito barata — o mais barata possível — que só a água represada das torrentes nos pode dar, para termos nos povoados água, esgotos, luz, ar, força e calor para podermos viver e trabalhar em sossego.

Portugal, a dizer com propriedade, não precisa de pó: precisa de electricidade; e, para ter esta, precisa de estudar e trabalhar fora da esculística e das lutas excitantes da politica, e sob a direcção de uma verdadeira politica.

## TRABALHISTAS...

## Um novo partido de natureza suspeita

Do dr. sr. Pestana Junior recebemos a seguinte carta, a que por dever de lealdade damos a pedida publicidade:

«Sr. redactor de «A Batalha». — No número de hoje do seu jornal, sob a epigrafe «Trabalhistas», vejo que a «A Batalha» ligou o meu nome ao do meu querido amigo capitão sr. Cunha Lial na organização de um partido trabalhista.

V., comentando a pto, forjada de certo no primeiro de Abril, dedicou-lhe quasi uma columna de «A Batalha».

Escuso de garantir-lhe que estou fiado no P. S. P. e comigo as primitivas organizações trabalhistas da Madeira, onde a U. O. N. conta com velhas dedicacões, que não esmoreceram, antes se radicaram, com a constituição d'aquelle núcleo.

A nossa filiação no P. S. P. foi um acto publico de que se occupou a imprensa e que devo julgar do conhecimento de v. E porque sou hoje um simples soldado do partido socialista é claro que não me poderia lançar na organização de um novo partido, do que de resto nem ouvi falar, o mesmo succedendo, segundo creio, ao sr. Cunha Lial.

Quanto ás apreciações de mim feitas, permita-me v. que as tome como fruto de uma má informacão de quem as produziu e que por envolverem politicos já desaparecidos me forcem a sobre elas fazer silencio. Por meus fiadores e abonadores bastam os meus actos e a lial camaradagem e amizade de muitos e insuspeitos sindicalistas militantes, e a unanime opinião publica da minha terra.

Não conte v. com a criação de um novo partido politico; conte sim com uma maior propaganda e vitalidade do P. S. P., o que não pode ser-lhe desagradavel, dado que nas associações operárias muitos nossos camaradeiros se encontram, e não são nem os menos combativos, nem os menos apaixonados pelo desenvolvimento de todas as obras e daqueles planos que podem rapidamente conduzir-nos a uma melhor sociedade.

Creia-me, sr. redactor, seu admirador e muito obrigado pela inserção desta no seu jornal. — Lisboa, 4-1-1919. — M. G. Pestana Junior.

### «A Batalha» contra os açambareadores

### Uma apreensão de gêneros

O honrado comércio continua em tempo de paz com os mesmos processos do tempo de guerra

Tendo «A Batalha» noticiado o transporte misterioso de algumas sacas de batatas para uma casa da rua de S. Bernardo, 38, 1.º, enviou ali o ministério das subsistências alguns fiscaes, tendo apreendido 85 sacas de batatas pertencentes ao açambareador João António Balança. Também noutro depósito desse honrado comerciante foram apreendidas mais 85 sacas, tendo pago a multa de 1.450\$00, segundo o processo para o Contencioso Fiscal.

Também á Companhia Mercantil foram apreendidas 100 sacas de arroz improprio para consumo, inde ser submetido a análise, apesar do seu aspecto bem demonstrar o estado em que se encontra.

Para a Santa Casa da Misericórdia e Asilo de S. João foram enviados nos últimos dias mais de 1.000 quilos de pão, apreendidos por terem sido desviados do consumo para giros commerciaes pouco acéitáveis.

Em Coimbra fez-se uma apreensão de duas toneladas de açúcar, fornecido por uma firma de Lisboa, tendo-nos prometido o inspector dos serviços de fiscalização do ministério das subsistências, interessantes pormenores desse caso.

## Ferrovias do Sul e Sueste

A comissão que elaborou o decreto 5328 submette o seu trabalho á apreciação dos seus camaradas de Beja

Cofornme estavam annunciadas, realizaram-se em Beja e Faro sessões magnas do pessoal ferroviário, com o fim de ser apreciado o decreto 5328, ultimamente publicado.

A sessão de Beja, realizada no dia 1, foi presidida pelo ferroviário António Gois, secretarioção por Joaquim Chourico e Luis Carvalho. A de Faro, realizada no dia 3, foi presidida pelo ferroviário Yontura da Silva, secretarioção por João Cavalheiro e Manuel Cabrita. Em ambas as sessões falaram as camaradas Jerónimo de Paiva e Manuel Martins Entrudo Junior, como membros da comissão que elaborou o decreto, expondo as vantagens economicas no mesmo contidas para os ferroviários.



## Câmara Municipal de Lisboa

## A HIGIENE DAS HABITAÇÕES

Afirmaram a não existência da infabilidade, e, por esse motivo, convidaram todos os ferroviários a apresentar as suas reclamações sobre quaisquer omissões que fossem notadas no diploma em discussão, dizendo que pelo ministro tinha sido dado o prazo de dez dias para essas reclamações surgirem.

O camarada Jerónimo de Paiva, historiando toda a acção desenvolvida depois do desastre de Novembro até à data, produziu considerações de alto significado moral e social, terminando por afirmar as suas intenções e o desejo que o animou em produzir um trabalho que satisfizesse as legítimas aspirações da classe.

Depois da aprovação dum telegrama ao ministro e de uma moção de confiança ao camarada Jerónimo de Paiva, falou o camarada Miguel Corrêa que nas duas sessões desenvolveu o que foi o 18 de Novembro, produzindo considerações que documentou largamente, demonstrando o erro dos ferroviários na forma como apreciaram o seu trabalho e o dos membros da comissão de 27 de Dezembro. Declara que convidou o autor dos últimos manifestos contra si editados, a comparecer e aquele, fugindo cobardemente evitando-lhe uma carta que lê e que produz nas assembleias sensação. Termina afirmando que vai abandonar o lugar que a frente da classe ocupa, mas com a convicção de que um dia lhe será feita justiça e a todos quantos fizeram o 18 de Novembro, porque, embora vilipendiado, caluniado, enlameado, os factos e as obras não poderão a classe destruir e por essa razão se lhe há feita a devida justiça. Todos os oradores foram muito aplaudidos estando as assembleias bastante concorridas.

## Conselho Jurídico da U. O. N.

O advogado do Conselho Jurídico da U. O. N., ao regressar de Vendas Novas, tomou conhecimento de uma carta que lhe era dirigida do Porto sobre os mineiros de S. Pedro da Cova, libertados por ocasião da restauração da República naquela cidade. Diz-se nessa carta que alguns desses nossos camaradas estão sendo já procurados pelo poder judicial com os respectivos mandados de captura! O advogado do Conselho Jurídico recomendou já o caso ao ministro do trabalho, procurando hoje os ministros do interior e da justiça para resolver o assunto por forma a evitar que se consuma a perseguição.

—Por virtude da acção do Conselho Jurídico, foi resolvido, em conselho de ministros, o regresso dos deportados por questões sociais.

—O dr. Sobral de Campos procura saber o dia certo da sua vinda e, logo que seja do nosso conhecimento, di-lo-hemos aos nossos leitores.

—Hoje vai também o mesmo advogado continuar a tratar da libertação do camarada marceneiro Manuel Baptista.

—Ontem recebeu, entre outras, a consulta de dois camaradas da classe dos mecânicos em madeira sobre um caso de acidente no trabalho dum camarada da mesma classe, de nome José Pinto de Oliveira, caso que, provavelmente, o Conselho Jurídico vai levar ao respectivo tribunal.

—Respondendo-se à comunicação de José Ludovino, de S. Pedro da Charneca, da Odemira, sobre o caso das perseguições ali praticadas, e de uma lista que é atribuída aos trabalhadores rurais daquela localidade. Possivelmente, terá o advogado deste organismo da U. O. N. que ir a Odemira, para bem esclarecer o assunto.

—Igualmente se respondeu a Francisco Luis Pereira, da Associação dos Trabalhadores Rurais de S. Tiago do Escoural, acerca da prisão do associado Felismino José Galhofas, que se encontra preso no quartel de artilharia 3, em Santarém.

## NO MUNDO OFICIAL

## INSTRUÇÃO

O ministro da Instrução levou ontem à assinatura presidencial os decretos de demissão do sr. Lobo d'Ávila Lima de professor da faculdade de direito de Lisboa, e do sr. Fidelino de Figueiredo de director da Biblioteca Nacional de Lisboa e alargando os poderes do ministro para simplificar e saneamento dos funcionários das repartições e serviços dependentes do ministério.

Uma comissão de serventuários das escolas primárias de Lisboa foi ontem recebida pelo ministro da Instrução, de quem solicitou melhoria do salário. Também uma comissão de empregados menores das escolas de Lisboa procurou ontem o mesmo ministro, para pedir que tome efectiva a nomeação dos preparadores. Ainda uma comissão de funcionários das secretarias das escolas de Lisboa, Porto e Coimbra procurou o ministro para tratar de interesses de classe. Como o dr. Leonardo Coimbra os não pudesse receber na ocasião foram atendidos pelo chefe do gabinete, ficando de voltar a procurar o ministro em melhor oportunidade.

## TRABALHO

O ministro do trabalho autorizou que se proceda a segunda distribuição de subsídios às associações de socorros mútuos que ocorrerem na doença.

O dr. Xavier da Silva tem hoje posse da pasta dos estrangeiros, pelas 15 horas.

## MARINHA

O ministro da marinha vai empenhar todos os seus esforços no sentido de na conferência de paz se assegurar satisfação do programa mínimo em avios de guerra, apresentado pelo estado maior naval da nossa marinha de guerra.

## QUERRA

—A Ordem do Exército da 2.ª série deve sair nos primeiros dias da próxima semana.

—O sr. ministro da guerra está estudando as modificações a introduzir nos vencimentos dos sargentos e a forma de facilitar-lhes a aquisição de fundamentos, víveres, etc. O mesmo ministro também, nomeou já uma comissão que deverá completar, com a possível urgência, os trabalhos relativos ao monopólio dos sargentos do exército, de forma a poderem ter execução imediata os resultados práticos.

## POLÍCIA

Estive na nossa redacção Viriato das Neves, ex-polícia 261, protestando contra as violências de que foi alvo quando se encontrava no governo civil afim de reclamar vencimentos a que se julga com direito. Além de agredido esteve detido num dos calabouços do governo civil durante alguns dias, de onde só saiu ontem.

## NEGÓCIOS! NEGÓCIOS!...

## A exportação dum artigo que escasseia no mercado!

Recebemos a seguinte carta, muito elucidativa sobre o escrúpulo que agente do ministério dos abastecimentos põe no barateamento dos géneros da primeira necessidade, carta a que o seu autor juntou um anúncio em que a direcção dos abastecimentos convidava os magnatas das associações comerciais e industriais a tratar da forma como deve ser feita a exportação do azeite:

«Lisboa, 3 de Abril de 1919.—Sr. director de A. Batalha.—Sem querer de forma alguma abusar da gentileza com que acolheu a minha notificação de há dias acerca da exportação do azeite português para o Brasil, volto novamente ao assunto, merecendo dum anúncio hoje publicado no jornal A Época.

Por ele vê claramente quanta verdade encerrava a minha comunicação. Por ele vê que de facto se projecta levar a efeito uma medida que põe o povo em piores circunstâncias do que está—no tocante a substâncias—simplesmente favorece uma parcela de comerciantes e industriais menos escrupulosos. Por ele, finalmente, vê v. que no nosso país em vez de se procurar baratear um género que tanta falta faz às classes menos abastadas, antes ao contrário as autoridades competentes convocam delegados de várias entidades interessadas na exportação, para em comum resolverem a maneira mais fácil de conseguirem... que o povo pague por um escudo um litro de azeite! Sim, porque consentindo-se na exportação dum género de primeira necessidade de que o país tem carência e pelo qual os lavradores já pedem actualmente 70 e 80 centavos por cada litro, não há outra conclusão a tirar.

Em todos os países se reservam para consumo interno os géneros de maior necessidade, principalmente os de que há escassez; no nosso, havendo uma conhecida falta de azeite, pretende-se agravar mais a situação, exportando-o! Que conclusão se tira desta circunstância? Apenas a de que a custa da miséria do povo se pavoniam os interesses da operação, isto é, morram uns de fome, mas cheguem-se as bolsas de outros. O que entretanto é tristemente ignóbil, é que as próprias autoridades superintendentes no assunto, aquelas que deviam ter por princípio a defesa dos interesses e bem-estar do povo, sejam as primeiras a concorrerem para o contrário! Como tudo isto é irrisório se não fosse simplesmente monstruoso!

Pode crer, sr. director, de que nem o bom brado nem a gentileza do seu bom acolhimento, demoverão os interessados, porque eles não desarmam facilmente. Mas no menos façam obra decente, em condições do retalhista vender o azeite a 340, e para isso basta só que o governo obrigue os exportadores o pólo no mercado a preço que dê margem para isso e ainda a pagarem a sobre-taxa imposta aos exportadores de África. Assim pelo menos ficará salva a honra da família...» De v. José Chaves.

«Proporho que esta Comissão Administrativa, representando a Câmara Municipal, represente ao governo, pedindo instantaneamente que, nas reformas e modificações, que é notório estarem-se elaborando, nas leis que regulam o inquilinato civil e comercial ou industrial, sejam introduzidas as disposições necessárias, para que, no caso da saída e substituição por outros locatários, de qualquer das divisões dos prédios urbanos, se proceda a desinfecção pelas estações oficiais competentes, dos lugares habitados de que os referidos locatários se retiram a exemplo do que é de uso em outros países.»

O sr. dr. Costa Júnior diz estar de acordo com a proposta entendendo, porém, que o dr. sr. Medeiros deveria acrescentar na sua proposta à palavra «desinfecção» a «beneficência». O orador pede ao presidente dr. sr. Alberto Vidal para procurar com a sua interferência evitar que na lei haja portas falsas, pois contra vontade do legislador elas podem existir. Os proprietários tratam sempre de procurar sofismas a lei a fim de se esquivarem ao seu cumprimento. Todas as cautelas são poucas, conclui por dizer o dr. sr. Costa Júnior.

O dr. sr. Medeiros aceita o acrescentamento da palavra «beneficência» à sua proposta pois por lapso é que ela ali não se encontrava, visto que nas considerações que aduzira antes de a apresentar tinha indicado a necessidade de, quando as casas devolutas, se proceder à sua beneficência.

O sr. José Cândido dos Santos diz dar o seu voto incondicional à proposta tanto mais que ela iria atenuar a crise na construção civil, se for atendida a lei. Trata-se pois, declara o orador, de medidas atinentes a conseguir a higiene nas habitações e a beneficiar as classes trabalhadoras.

O dr. sr. Costa Júnior expõe que os processos de desinfecção adoptados são os mais avançados; aqueles que se empregam lá fora. O que se podia dar era algum pessoal encarregado desse serviço, devido ao péssimo habito de se pagar mal, não ter competência nem educação. A culpa não era pois de quem superintendia no serviço. Se a lei obrigar a desinfecção, esse próprio pessoal se corrigirá com a prática que terá de ter.

Volta o sr. Hermano de Medeiros a mostrar quanto se impugna a sua proposta. Cita o caso de pessoas na fase inicial da tuberculose não chamarem o médico, não ligando grande importância a uma tossezinha que parece insignificante. Essa pessoa, nos escarros, nos pigmentos deita para o ambiente o bacillus, germen da tuberculose, que infecta a casa e vai contaminar os nossos filhos, as nossas esposas e os nossos amigos. O médico não foi chamado e a casa não sofreu a necessária desinfecção.

A comissão referida ficou composta dos dres. sr. Alberto Vidal (presidente), Medeiros, Costa Júnior, Joaquim Pratas e Afonso de Macedo.

## Os amigos de "A Batalha"

Na última assembleia da Associação dos Estofadores e Decoradores foi votada uma saudação ao nosso jornal e aberta uma queta, cujo produto, na importância de 4540, nos foi entregue. Agradecemos.

—De José Maria Almeida Junior, recebemos 1500 e de Ludovino Gonçalves e outros amigos do nosso diário 60 centavos.

—A Associação dos Descarregadores do Mar e Terra deliberou que o saldo da quantia destinada à compra de um estandarte, seja empregada em acções de A. Batalha, aproveitando ainda uma moção onde se determina «que se faça sentir a nossa alegria às camaradas que tiveram a iniciativa de pôr em circulação tal belo baluarte.»

—A secção da construção civil de Belém e o Grupo Dramático Social estão organizando um espectáculo em benefício de A. Batalha e desse grupo, sendo esse festival promovido pelas comissões administrativas das duas colectividades.

—Foi entregue na nossa administração a quantia de 5187, produto de uma subscrição aberta entre os camaradas das oficinas do Arsenal da Marinha, para auxílio ao nosso jornal.

—Na última assembleia geral da Associação dos Operários Marceneiros, foi deliberado adquirir-se 10 acções de A. Batalha.

—A Associação de Classe dos Estofadores deliberou, em assembleia geral realizada a 28 de fevereiro, adquirir 2 acções do nosso jornal, fazendo ardentemente votos pelo seu engrandecimento.

—A Associação de Classe dos Operários da Indústria de Carruagens deliberou adquirir 5 acções de A. Batalha.

—Da Delegação da Classe dos Operários Manipuladores do Tabaco do Porto recebemos um ofício em que nos comunica que, em sessão daquela classe foi resolvido «saudar o jornal A. Batalha pela forma digna como tem defendido os interesses da classe trabalhadora, aconselhando todos os manipuladores a auxiliarem o mesmo jornal, sendo mais votado um protesto contra aqueles que, quer no Porto quer em outra parte, tem dificultado e tentam dificultar a vida desse grande campeão, fazendo votos pela prosperidade deste jornal.»

—Comunica-nos o nosso correspondente em Setúbal que acaba de se fundar naquela cidade um grupo de propaganda e auxílio A. Batalha, com o fim de promover o máximo interesse doariado pelo nosso jornal. O grupo iniciará em breve os seus trabalhos, começando por convocar uma reunião de delegados de todas as associações operárias locais, para resolver sobre a melhor forma de promover o desenvolvimento e a expansão do jornal e bem assim o auxílio monetário a prestar-lho.

## Homem-animal de tiro

Uma carroça de mão entalada entre dois eléctricos

José Gregório, de 55 anos, moço do depósito do tabaco na rua da Escola Politécnica, residente na rua da Viúva, 60, 2.º, seguiu ontem por aquela rua com uma carrocinha de mão no qual se achavam dois eléctricos, ficando o José a carregar entre eles, chocando-se pelas rodas com os dois carros-bater-lha no peito, ferindo-lhe uma costela. Na ocasião passavam os bombeiros voluntários do Campo do Ourique, Carlos Costa e Virgílio de Carvalho no viado-carruagem da Cruz Branca, os quais não transportaram imediatamente o ferido ao hospital de J. José, onde foi levado ao Baneiro, seguindo depois para casa.

## MORQUE

Reuniu-se ontem o conselho médico legal, procedendo as autópsias de Lúcia Maria de Souza, 11 anos, uma das vítimas do incêndio na Cova da Moura, não estando ainda marcado o dia das autópsias dos restantes do marinheiro Salvador Francisco Vaz, falecido no posto da Alameda da vila de agredido.

## COMUNICAÇÕES

## Federação da Construção Civil

A comissão deste organismo que tem tratado da subvenção dos 30 por cento para os operários desta indústria que trabalham nas obras do Estado, previu que as camaradas que em virtude de não haver tempo para confeccionar as folhas de pagamento, só no próximo sábado receberão o aumento de 30 por cento, correspondente à semana de 27 de Março a 2 de Abril, não tendo os camaradas o direito de se insurgirem contra os mestres ou apontadores das respectivas obras, devendo de futuro as camaradas receberem as suas férias com esse aumento. A mesma comissão procurou o ministro da guerra para tratar da subvenção aos operários deste ministério, sendo recebida pelo seu ajudante, ficando de voltar na segunda-feira, para saber uma resposta.

—É convocada a reunião da Comissão Administrativa desta Federação, na próxima segunda-feira, pelas 20 horas, para tratar de assuntos de importância, devendo também reunir o Conselho Técnico. Igualmente é convocado a reunir o Conselho Federal para terça-feira, às 20 horas.

—A comissão promotora da festa que se realizou no Coliseu avisa as camaradas que ainda não satisfizeram o pagamento dos seus bilhetes, a fazer-lhe amanhã para se encerrar o balancete. Aqueles que até essa data não prestarem contas, ficam prevenidos que se publicarão os seus nomes.

## Associação dos Trabalhadores da Imprensa

Sob a presidência do sr. Júlio de Almeida, secretariado pelos srs. Carlos Mascarenhas Barata e Pinto Quartim, reuniu-se ontem a assembleia geral desta associação de classe, tendo aprovado o relatório e contas da gerência transacta, que acusava no cofre ordinário uma receita de 765540,5, a despesa de 499595,5 e um saldo de 265845, e no cofre de beneficência uma receita de 965518,7, a despesa de 1678324, e um saldo de 7976174,7; o fundo de reserva uma receita de 1.536.335,5, despesa de 5650,3 e um saldo de 1.530.785,2.

Resolveu-se conceder, por uma só vez, a quantia de 30000 à viúva do falecido jornalista Augusto Xavier da Silva, que se encontra em precárias circunstâncias e adquirir 20 acções do jornal A. Batalha.

Resolveu-se ainda inaugurar no dia do aniversário da associação, o retrato do sr. José Francisco de Assis Almeida, decano do jornalismo de Lisboa, falecido há anos e no dia do aniversário do falecimento do sr. Eduardo Coelho, realizar uma sessão comemorativa para inaugurar o retrato do antigo e dedicado presidente da assembleia geral.

Em seguida procedeu-se às eleições dos corpos gerentes que deu o resultado seguinte: Assembleia geral: Presidente, Jorge de Abreu; vice-presidente, Luis Drouet; 1.º secretário, Júlio de Almeida; 2.º secretário, Júlio de Oliveira Barata; vogal, Carlos Mascarenhas Barata.

Direcção: Presidente, Avelino de Almeida, vice-presidente, Francisco Vidal; 1.º secretário, Luis Saúde Junior; 2.º secretário, Adriano Maria da Costa; tesoureiro, José Joaquim de Almeida; substitutos, Acurio Pereira, José Augusto Sampaio da Costa, Belo Redondo, Lútero de Moraes e Napoleão Gonçalves.

Comissão revisora de contas, efectivos: Jorge Gonçalves, Júlio Marques da Costa, Martins Monteiro, tesoureiro substitutos Ludovino Antunes Pereira, Eugénio Betencourt e Augusto Cordeiro.

Delegados à U. O. N., Júlio de Almeida e Belo Redondo; à S. O. S., Martins Monteiro e Carlos Rares; à Federação do Livro e do Jornal, Joaquim de Almeida e Belo Redondo, e fiscais da lei do descanso semanal, Jorge Gonçalves e Luis Saúde Junior.

## Legumes pódres

O ministro dos abastecimentos, tendo levado na máxima consideração a reclamação há dias feita pelos consumidores da Praça da Figueira, ordenou a direcção geral dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste que fosse enviada a circular para as várias estações do Alentejo para que se generos do fácil deterioração sejam de futuro os primeiros a ser embarcados para Lisboa.

Entre os comendados da Praça reina grande contentamento por esta medida.

## Festival académico

A Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa prepara para amanhã um festival literário-musical-dança, que terá lugar no vasto salão-ginásio da mesma Faculdade, sede associativa, pelas 14 horas, com a condecoração do dr. Almeida Lima, director da mesma Faculdade.

Do programa fazem parte: alguns coros pelos académicos de ambos os sexos, um dos quais tem música original do professor Tomás Borja, que expressamente a escreveu para esta festa académica; havendo também recitativo, concerto, etc., terminando o festival por um baile.

## Falsa acusação

Estivaram na posse da edição Adolpho de Melo e Porfírio Romão Pereira, presos há tempo como implicados num roubo que se deu em Setúbal. Apresentaram-nos documentos comprovativos da sua inocência, sendo por completo extranhos a tal caso.

## Grãças envenenadas

Mário Dias de 212 anos, Francisco Dias de 7, filhos de Manuel Dias e de Branca Dias, João Figueiredo, de 6 anos, Fernando Figueiredo de 8 anos, filhos de António Figueiredo e de Maria Figueiredo, e José Dias de 18 anos, filhos de Manuel Dias e de Maria Dias, todos residentes em Santo Amaro de Ovar, andavam ante-ontem pela tarde brincando na praia e encontrando uma porção de sementes de pimenta ingeridas nas Santinho de alfios, foram conduzidos ao posto da Cruz Vermelha no Freguesia do Paço, onde foi feita a lavagem do estômago ao primeiro sendo os outros transportados no auto-máquina da Sociedade do Hospital de S. José, donde depois de feitas no Banco as respectivas lavagens, receberam a casa.

## MOVIMENTO MARÍTIMO

Entradas em 4

Vapor português «Constância», cap. Cardozo, de Roca Leiré; vapores franceses «Ville de Rouen» de Rouen; «vapor português» «Gil Ranes» de Bordeaux; vapor inglês «Mancos» do Pará; vapor inglês «Dario» da Plata; vapor espanhol «Pepitas» de Bonanza; vapor russo «Uka» de Bordeaux; vapor brasileiro «Curvello» do Havre; vapor francês «Gagne Petit» de S. Malo; vapor holandês «Teunis» de Hall.

Saídas

Vapor inglês «Dario» para Liverpool; pequena francesa «Margaret» para S. Petersburgo; francesa «Aralia» para S. Pierre.

## Hospitais Cíveis de Lisboa

Um grupo de empregados dos hospitais cíveis de Lisboa, publicou um manifesto onde declara estar absolutamente satisfeito com a permanência na direcção desses estabelecimentos do Estado, do dr. Lobo Alves. Esse grupo representa mais de 600 empregados dos hospitais.

## tade e auxílio para restabelecer a organização dessa cobrança.

Foi ainda aprovado um voto de censura ao secretário da assembleia geral da última gerência pelo estado em que deixou os serviços a seu cargo, resolvendo-se mandá-lo regularizar.

## Sindicato Ferroviário

A direcção resolveu ainda estabelecer a prática futura de não ser cortado dos registos sindicais sócio anual, sem despacho seu em sessão directiva.

Uma comissão de secção de via e obras foi ontem entendido-se com o engenheiro chefe da divisão da companhia sobre o relatório que lhe foi entregue em 18 de Junho de 1918, ao qual este sindicato não teve solução alguma devido a esse relatório, que foi apresentado pela comissão nomeada na delegação do Entrocamento, o qual trata das 8 horas de trabalho, feriados da República e folgas livres.

## Empregados do Sul e Sueste

Para eleger os novos corpos gerentes para a Associação de Classe, realiza-se amanhã a eleição nominal no Barreiro. O pessoal da linha votou, enviando no dia 2 para o Barreiro, as suas listas em envelopes próprios.

Apresenta-se indeciso o resultado da votação, havendo grande entusiasmo para que sejam eleitos camaradas que deem todas as garantias dum liberalismo definido, de forma a não ser prejudicial a defesa da classe.

## Empregados de Fotografia

Reuniu ontem a assembleia geral para apreciar as reclamações a fazer sobre a fixação do salário mínimo e outras reivindicações.

Foi submetido ao critério da assembleia um relatório sobre o qual incidiram prolongada discussão e as conclusões foram entusiasticamente recebidas. Todos os camaradas demonstraram o seu espírito de intrinsecidade na conquista das justas aspirações da classe.

A reunião magna prosseguirá no próximo dia 12, em que se assentará definitivamente nas reclamações a fazer e na atitude a assumir pela classe perante uma recusa patronal.

A classe actual, porém, em comum com os restantes sindicatos gráficos, que reunirão em breve para aprovar reclamações idênticas.

Foi eleito como delegado à U. O. N., o camarada Adolfo Nunes.

No final foi aberta uma queta em favor do velho colega João Gil, que ao presente se encontra inválido e para que todos contribuam com o mesmo espírito de solidariedade voluntária.

## Empregados dos edifícios públicos

Os empregados da direcção dos edifícios públicos de Lisboa, efectuaram ontem uma reunião, tendo deliberado protestar contra as nomeações feitas ultimamente pelo titular da pasta do comércio, de indivíduos estranhos àqueles serviços de Estado. Receberam telegramas de adesão de colegas de vários pontos do país, reunindo hoje à porta do ministério do comércio, a fim de ali apresentarem as suas reclamações.

No final da sessão foi votada uma saudação à Batalha, tendo sido aberta uma subscrição que atingiu 4550.

## Agitação entre os soldados

AMSTERDAM, 1.—Tendo-se manifestado um certo descontentamento entre os soldados desmobilizados e os que não tem trabalho, a policia tomou medidas rigorosas de ordem. Nestes últimos dias houve manifestações e desordens, pelo que a policia se viu obrigada a intervir. Exerce-se uma rigorosa vigilância sobre os estrangeiros.—H.

## A exploração dos menores

Um aprendiz de oleiro vítima de um acidente no trabalho

Manuel Guadinho, de 12 anos, filho de João Baptista e de Joaquina da Piedade, aprendiz de oleiro, residente na rua dos Armazéns de Balzo em Setúbal, quando estava a fazer uma panela naquela localidade vazava uma porção de leite de um calote para o mocho, foi colido por uma correa que o deixou muito ferido na cabeça e com o braço esquerdo fracturado. Ainda foi ferido na sua coxa por uma correa que lhe ficou preso no corpo quando deu a volta ao eixo do rebento.

## Brademas, Universidades e Escolas

Associação de Instrução às Classes Trabalhadoras.—Na sede desta Associação, rua das Trinas do Mocambo, 65-B, encontra-se aberta a matrícula para a aula de francês.

Quaisquer esclarecimentos serão dados na secretaria da mesma associação, todos os dias úteis, das 16 e meia às 20 e meia horas.

## OS QUE MORREM

Faleceram ontem e sepultam-se hoje as seguintes pessoas: D. Laura Siqueira Teles, saído o funeral, às 10 horas, da rua da Alegria, 72; D. Maria Emilia da Conceição, às 15, do Campo Grande, Vila Mira; D. Maria da Conceição Machado, às 10, do Refúgio das Casas do Trabalho; D. Júlia das Dores Ferreira, às 15, da rua das Pedras Negras, 5; José Joaquim Filipe, às 15, de Mosavinda; D. Maria José de Carvalho do Vale, às 15, da rua da Escola Politécnica, 28, para o cemitério Ocidental; dr. Custódio Augusto da Silva Pinto de Abreu, às 11, do largo de Camões, 19, para o cemitério Oriental.

## FUNERAIS

Vitimada pela tuberculose, realiza-se hoje, pelas 15 horas, saído o prestígio fúnebre da rua das Pedras Negras, 5, 6.º andar, para o cemitério Oriental, o funeral de D. Júlia das Dores Ferreira, companheira do nosso camarada Carlos Ferreira, delegado à U. O. N. pela Associação de Classe dos Encadernadores e Anexos.

## OBITUÁRIO

Cadáveres inumados no cemitério de Benfica: no dia 31 de Março, José da Costa Barros, 61 anos; Eduardo Carlos Barreiros da Silva, 30 dias; Augusta Maria Lopes, 20 anos; no dia 1, inumado do sexo feminino; Pedro Vasques Peres, 62 anos; Luciano Sousa Anibal, 29 anos; José Bugarin de Matos Godinho, 2.º ano; Mariana da Conceição Mata, 63 anos; Maria Augusta Pereira, 51 anos.

Cadáveres inumados no cemitério dos Prazeres: no dia 2, Lúcia Costa Figueiredo, 6.º ano; João do Nascimento, 57 anos; Manuel dos Reis, 21 anos; Teodoro Emilia Viana, 68 anos; Pedro Emilia da Silva, 27 anos; Carlos Frederico Gomes, 43 anos e José do Carmo Gonçalves, 31 anos.







